

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

DECADÊNCIA DAS CAPITANIAS MINEIRAS (João Manoel de Sequeira)

Sendo as Capitanias de Minas no Brasil o principal nervo do comércio das capitanias de beira-mar, e ainda mesmo um dos fulcros do Estado, pelo precioso e primário metal que se extrai das entranhas da terra são, contudo, estas capitanias centrais mais infelizes que as outras.

As capitanias de beira-mar com as suas importações e exportações florescem, e as de minas que só exportam o ouro, se vêm hoje em dia em grandíssima decadência porque este tirado uma vez e removido para a beira-mar nada fica senão alguns escravos e fazendas que nelas se consomem.

E quem não vê que donde se tira e se não põe necessariamente há de faltar? Esta pois é a principal causa da decadência das Minas e da penúria em que vivem os seus habitantes.

O comerciante que uma vez perde nas suas mercadorias, fica-lhe a esperança de ganhar em outra carregação; o lavrador cujo fruto deu em baixeza, guarda e conserva os víveres até que tenham melhor preço; o fazendeiro de gado, ainda que por anos não alcance melhor preços dos bois e da carne, contudo consola-se em conservar a sua casa farta; porém o mísero mineiro posto em um exercício, que jamais tem princípio algum certo e em procura do que não perdeu, é o homem das esperanças ou o pródigo do seu e do alheio e que se não acha o que espera perde-se a si, perde ao lavrador, perde ao comerciante e com este receio há mui poucos mineiros.

A capitania de Minas Gerais tem dado algumas providências mandando carregações de queijos, toucinhos, carnes salgadas de porco e tabaco em rolo para o Rio de Janeiro; porém, que comércio pode este ser que equipare a grandíssima despesa de ferro, aço, escravos que se precisam para

as minas? A caitania de Goiás muito pouco exporta em efeito de açúcar e toucinhos para a capitania do Pará, e a capitania de Mato Grosso, que é a menor das duas, nada exporta, sendo a proporção a mais abundante de todas. Disse mais abundante por conter mais ouro em si, e o seu terreno por participar de estações regulares, espontaneamente produz muito milho, muito feijão, arroz, açúcar e muito gado. Os rios são abundatíssimos de peixe e contudo é pobríssima a capitania por falta de indústrias para a mineração, indústria para o comércio, indústria para facilitar a lavoura.

(...) Estão as minas cansadas: os seus jornais já não cobrem as despesas de ferro, aço, alimento e vestuário dos escravos e por isso o mineiro já desesperado se passa a lavrador ou criador ou erige um engenho de aguardente e açúcar, porém onde se poderá dispor e qual o equivalente para formar a troca que se chama compra e venda? E por que se não procura inventar novas minas? Por que se não examinam campanhas incultas e ainda aquelas em que se não acham formação? (...) Demos de caso que se não acha ouro. Não se descobrirão prata, cobre, estanho, chumbo e ferro? Não se acharão diamantes, rubis, safiras, topázios, crisólitas, esmeraldas e outros mais minerais que assaz podem servir para o uso de muitas fábricas e da farmácia?

(Sequeira, João Manoel de - **Memória sobre a decadência das três capitanias de minas e os meios de a reparar.** "Anais do Museu Histórico Nacional", vol. XX: 85-88. Rio de Janeiro, 1968).

*

FESTA DE CASAMENTO NUMA CORTE SENHORIAL DA FRANÇA MERIDIONAL NO SÉCULO XIII (Anônimo)

Depois de terem comido, lavaram as mãos uma segunda vez, mas cada um ficou no seu lugar, e beberam o vinho; é assim o uso. Depois retiraram as toalhas e trouxeram para diante de cada um belas almofadas com grandes leques; cada conviva recebeu o seu e pôde acomodar-se à sua vontade. Em seguida levantaram-se os jograis, todos à uma querendo fazer-se ouvir. Então

tereis ouvido vibrar as cordas dos instrumentos... Quem quer que sabia um novo ar de viola, uma canção, um "lai", faria o possível para passar à frente dos outros. Um tocou o "lai" da madressilva, outro o do Tintagel; um cantou o "lai" dos perfeitos amantes, outro cantou aquele composto por Ivain. Um toca a harpa, outro a viola; um a flauta, outro o pífaro; um a jiga, outro a rota; um diz as palavras, outro acompanha-as; um toca a cornamusa, outro o "frestel"; um a gaita de foles, outro a charamela; um a bandurra, outro afina o saltério com punhais; um arrasta-se pelo chão, outro cabriola; um outro dançou com a sua taça (na mão, cheia de vinho); um passou através dum arco, outro salta; nenhum deixa de exercer o seu ofício.

Aqueles que desejam ouvir narrativas de reis, de marqueses ou de condes, puderam escutar quantas quiseram... Pois um contou de Príamo, outro de Píramo; um contou da bela Helena, de como Paris a raptou e a seduziu; outros contaram de Ulisses, de Heitor e de Aquiles; outros de Enéias e de Dido, e como, por causa dele, esta ficou doente e infeliz; de Lavínia, que fez atirar uma carta atada a um ladrilho pela sentinela da mais alta torre... Cada um disse o que tinha de melhor. O rumor dos tocadores de viola, o ruído de tantos narradores, faziam um grande murmúrio na sala. O rei disse a toda a assembléia: "Vós, senhores cavalheiros, quando os escudeiros tiverem comido, mandai arrear os vossos cavalos, e todos iremos justar. Mas, enquanto esperamos, quero que, sem tardar, a rainha comece uma dança por cortesia com Flamenca, minha doce amiga. Eu próprio tomarei parte na dança. Levantai-vos todos, que esses jograis se acomodem ao lado, por entre as mesas". Imediatamente se tomaram pelas mãos, damas, cavaleiros e donzelas, entre as quais algumas muito belas. Jamais na Bretanha ou em França se organizara tão esplêndido baile. Duzentos jograis, bons tocadores de viola, tinham combinado entre si, de maneira a ficarem dois a dois, à parte, nos bancos, e tocaram a dança sem uma nota falsa.

(Anônimo, **Romance de Flamenca**. Apud Gustavo de Freitas, **900 Textos e Documentos de História**, vol. I, p. 220. Lisboa, Plátano Editora, 1977).